

À MARGEM DO CASAMENTO E DA FAMÍLIA NUCLEAR

*Valdeci Rezende Borges **

Segundo Michelle Perrot, a família nuclear, “celular de base”, “átomo” da sociedade moderna, fundada sobre o casamento monogâmico, triunfou nas doutrinas e nos discursos no século XIX, mas, na prática, emergiu penosamente por entre sistemas culturais de parentesco múltiplos, mais amplos e persistentes. Sendo totalitária, buscou impor suas finalidades a todos, geralmente produzindo revoltas, tensões e conflitos entre indivíduos dispostos a escolher seus destinos. Nesse contexto, a família e o casamento configuraram-se como centros em torno dos quais constituíram, na periferia, as pessoas solteiras e solitárias, as quais foram freqüentemente definidas em função daqueles ou se definiram em relação a suas margens¹.

Em decorrência da pesquisa de mestrado na qual trabalhei a problemática da moral e das atitudes familiares no imaginário da sociedade carioca oitocentista, tratei recentemente, em um artigo, de algumas questões relativas ao universo do casamento, tendo por fonte básica de minhas reflexões a obra de Machado de Assis. Aí abordei o casamento e aqueles com ele envolvidos, isto é, geralmente de classes médias e altas, que institucionalizaram suas relações. Mas, fora desse mundo, outros tantos personagens tiveram sua existência, passageira ou permanente, alguns até a sonhar com esse modelo de união, como concubinos, concubinas e solteironas, já outros, nem tanto, como mundanas, celibatários e libertinos. Constituía, em sua maioria, de certa forma, uma gama marginalizada de pessoas. Se mulheres as

* Professor no Campus de Catalão/UFG – Curso de História. Membro do NIESC. Doutorando em História pela PUC/SP

¹ Michelle PERROT, *Introdução à “Os atores”*, p. 91.

que se desviaram, dentro da perspectiva burguesa, da única estrada que lhes daria reconhecimento social, glória e segurança, metendo-se às vezes por atalhos obscuros e por zonas de exclusão. Procuraremos neste artigo, então, deixar deles, alguns traços e impressões, não fotográficos, mais “retratos” pincelados, elaborados a partir do discurso literário, que transfigura seus modos de vida, às vezes, alternativos, originais e contestatórios, assim como da linguagem que emana da sexualidade e que estabelece limites e ordena as condutas.

1. Concubinos e Concubinas

Se o casamento era regra, no modelo familiar das classes abastadas, médias e altas, possuindo força normativa ao se impor aos indivíduos, para os pobres sua realização nem sempre ocorria. Viviam um modo conjugal alternativo, em concubinatos, “maritalmente”. Assim, era costume as mulheres tomarem “maridos de empréstimo e de ocasião”, fazendo-se suas concubinas, mesmo que alguma nutrisse o desejo de “ser casada”, como D. Plácida (BC), indicando-nos tal poder coercitivo do modelo. No entanto, por outro lado, sua vontade lhe custou a censura da mãe, que lhe disse querer ser melhor que ela, pois casar era “fidúcias de pessoa rica”².

A história de D. Plácida elucida a existência e as experiências de muitas outras mulheres que não contraíram matrimônio. Ela mesma era “filha natural de um sacristão da Sé e de uma mulher que fazia doces para fora”. Casou-se aos quinze anos, mas enviuvou-se aos dezesseis, tendo de sustentar a mãe e filha fazendo doces, cosendo e ensinando a algumas crianças do bairro. Atitudes e afazeres tais, costumeiros na economia da gente de sua condição. Não aceitou “seduções” e “propostas” dos pretendes que não queriam levá-la ao casamento, pois “queira ser casada”. Sua mãe mortificava-a para que “tomasse um dos maridos de empréstimo e de ocasião que lha pediam”, mas resistiu, mesmo sabendo muito bem que a mãe não

² J.M. Machado de Assis. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, p. 228-9.

fora casada e conhecendo “algumas que tinham só o seu moço delas”. Plácida, aqui nossa figura da internalização do modelo de casamento burguês, não queria, inclusive, que a filha “fosse outra coisa” senão casada, e por isso tinha “imensos cuidados levando-a consigo, quando tinha de entregar costuras”, visto que vários capadócios rondavam-lhe a rótula. Nessas ocasiões, “A gente das lojas arregalava e piscava os olhos, convencida de que ela a levava para colher marido ou outra coisa”. Alguns as cumprimentavam, outros diziam graçolas e a mãe chegou mesmo a “receber propostas de dinheiro...”. Mas se D. Plácida protegeu-a até quando pôde, um dia aquela fugiu com um sujeito e certamente viveu “maritalmente” com este, depois com outro... pois das fugas raramente saía casamento, que pressupunha pureza e recato³.

Nesse segmento social, o casamento vinha então a se contrapor às tradições e aos costumes dos populares, em que a prática do amancebamento era usual. No conto “Um Almoço” (RCV), por exemplo, Seixas, quando pobre, manteve concubinato com D. Lúcia, tendo, inclusive, com ela uma filha. Só consagrou tal relacionamento quando nos depois veio melhorar de vida, prosperando financeiramente. Assim “Após longos anos de desamparo e aflições, via-se enfim constituída em família”⁴. Para as classes populares, ser marido e mulher era partilhar a mesma casa, mesa e cama. Viviam, assim, esse modelo de união alternativo, ilegítimo e temporário, embora, algumas vezes, inspirado no comportamento dos casados. Em realidade, tal prática era diversificada e não uniforme. Já o matrimônio formalizado e sacralizado, criador da célula familiar por excelência, estava bastante limitado a certos estratos da população. No entanto, tornava-se cada vez mais o meio ideal para vivenciar as experiências, a dois, sendo uma aspiração que tendia a alastrar-se e abarcar um número maior de pessoas, pertencentes, inclusive, a classes sociais diversas.

³ Ibidem, p. 228-9.

⁴ Idem, *Relíquias de Casa Velha*, v. 2, p. 136.

2. Solitários

A família carioca, representada por Machado de Assis quase sempre é pequena e tende a nuclear. Raras são aquelas compostas por mais de quatro pessoas, uma vez que a sua grande maioria possui apenas um filho, ou dois, sendo ainda que estes, na sua maior parte, saiam da casa dos pais ao casarem. Muitos são aqueles casais ainda que não tem filhos algum.

Embora pouco numerosa, essa família não se restringe, no entanto, aos pais e filhos, adequando por completo ao modelo nuclear. Nela ainda encontramos parentes próximos, que estariam sós no mundo, como viúvos, solteirões e órfãos, geralmente irmãos, pais, tios, afilhados ou sobrinhos coabitando a mesma casa. Esses quase solitários contudo, raramente ultrapassam o número de um por domicílio, vivendo juntamente com o núcleo familiar.

Muitos domicílios abrigavam “famílias” alternativas compostas de tios viúvos ou solteiros e sobrinhos órfãos, ou também viúvos, como ainda pais viúvos com filhos em igual estado. No entanto, indivíduos solitários, aqueles que viviam sós, não compartilhando com outras pessoas sua casa, aparecem com frequência na obra machadiana, adequando a um espírito individualista emergente que constituía-se.

O conselheiro Aires (EJ), por exemplo, ao se aposentar enquanto diplomata, se recusou a morar com sua irmã viúva, D. Rita. Esta teimou em levá-lo para Andaraí em sua casa, dizendo ser “sua última parenta”, mas ele negou afirmando querer ficar no seu “canto”, ao que ela replicava perguntando por que é que ele preferia “viver com estranhos”. Respondia ele: “- Que estranhos? Não vou viver com ninguém”. Mesmo esta, D. Rita, quando em seguida Aires reverteu a proposta, convidando-a para morar na casa dele, respondeu que também gostava de estar consigo mesma. Ajustaram por fim a visitarem um ou outro semanalmente⁵.

⁵ Idem, *Esau e Jacó*, p. 127-130.

3. Solteironas

Nessa sociedade, na qual o destino e o futuro da mulher estava associado ao casamento, aquela que não o realizava era vista de maneira negativa. Era a exceção, desvio da regra geral, o anormal, logo estigmatizada e marcada por isso através de vários sinais. Ela continuava a viver na dependência dos pais ou de parentes, pois a mulher necessitava de proteção. Considerava vergonhosa a situação em que se encontrava. D. Tonica (QB) foi uma dessas mulheres permanentemente solteiras, “ou mais que solteira”, que ansiava por um casamento. Contava “trinta e nove anos, e uns olhos pretos, cansados de esperar”. Sua dor era grande e de “humilhação”, debulhava-se “lágrimas legítimas”. Seu problema consistia na permanência demasiado prolongada do estado civil de solteira, levando-a constantemente a comparar-se às outras mulheres que a cercavam e amigas do colégio e da família, e com isso comentar: “- todas as outras são casadas...”⁶.

No entanto, como fora do casamento a mulher era nada e D. Tonica, com seus “pobres olhos (...) sem parceiros na terra”, indo já a resvalar do cansaço na desesperança”, achou em “si algumas fagulhas”. Volver seus olhos “uma e muitas vezes, requebrando-os era o longo ofício dela”, não lhe custando mesmo armá-los contra um rico capitalista, Rubião. Este apareceu-lhe como, talvez, o “destinado pelo céu a resolver o problema do matrimônio. Rico era ainda mais do que ela pedia; não pedia riquezas, pedia um esposo.” Todas as suas anteriores “campanhas fizeram-se sem a consideração pecuniária; e ainda assim, “os últimos tempos ia baixando, baixando, baixando”; sendo que “a última foi contra um estudantinho pobre...” Porém, frente a Rubião, pensava: “...quem sabe o céu não lhe destinava justamente um homem rico?” Pensando assim, “D. Tonica tinha fé em sua madrinha, Nossa Senhora da Conceição, e investiu a fortaleza com muita arte e valor”. Contudo viu-se novamente frustrada, ficando

⁶ Idem, *Histórias Românticas*, p. 310; Idem, *Quincas Borbas*, p. 64, 69, 84.

a esperar todas as noites por aquele que não vinha. Ao imaginar-se “Quarentona, solteirona” teve um “calafrio” e “Ergueu-se de um golpe”, entrando a dar voltas, até atirar-se à cama chorando, devido à grande “humilhação”, pois uma mulher sozinha despertava vergonha e vexame⁷.

Suas expectativas continuavam muitas, mas suas esperanças esvaíam-se. E ao completar os quarenta anos, “gemeu-os consigo, logo de manhã”. Nesse dia, como que ressaqueada moralmente, “não pôs fita nem rosa no cabelo”, ficou “metida em si mesma” e foi “roendo o pão da solidude moral, ao passo que se arrependia dos últimos esforços empregados na busca de um marido. Remoía consigo, que ao quarenta anos, “era tempo de parar”. Mas a sorte parecia lhe sorrir e se ela pensava em parar, não parou, levando seu pai a contar: “- É verdade, vai casar. Custou, mas acertou. Achou por aí um noivo (...) Pessoa séria, meia-idade (...)” Sua necessidade de casar era tão grande que nem importou com os “defeitos” que ele tinha. “Que importa?”, interroga o narrador, “Era o noivo”. Este era mesmo “mais baixo que ela”, sendo viúvo e possuindo dois filhos, dos quais um estava no batalhão de menores e outro, tuberculoso, condenado à morte. Mesmo assim, “todas as noites, ao recolher-se (...), ajoelhava-se ante a imagem de Nossa Senhora, (...) agradecia-lhe o favor e pedia-lhe que a fizesse feliz. Sonhava já com um filho...” Tão agradecida estava por livrar-se do peso de ser eterna solteirona, situação lastimável e desprezível, da qual até mesmo seu pai zombava, como ao dizer a Rubião que dali a mês e meio estaria ele “livre do trambôlho”, que ela ainda riu, pois já “estava acostumada às graças do pai, e tão disposta à alegria que nada a vexava”. No entanto, aqueles com quem casaria faleceu três dias antes do casamento. D. Tonica espremeu “as últimas lágrimas, uma de amizade, outras de desesperança” e seus olhos ficaram “tão vermelhos, que pareciam doentes”. Doentes da eterna solteirice, do fardo humilhante que continuaria a carregar e do vexame

⁷ Ibidem, p. 69-70.

a que era submetida⁸.

Solitária era autoritária, governava a vida do pai, maledicente, intrigante, mexeriqueira e maldosa, preocupando-se com a vida das esposas de conhecidos que não se comportavam bem. Uma notícia de adultério poderia parecer-lhe “hedionda” e ser motivo para ver a possível adúltera como “um monstro, metade gente, metade cobra”, assim como para pensar em “vingar-se exemplarmente”, dizendo “tudo ao marido”. Contar-lhe “tudo” – “ou de viva voz ou por uma carta...” Chegava a imaginar o colóquio, antevia o espanto do marido, “depois o agastamento, depois os impropérios, as palavras duras que ele havia de dizer à mulher, miserável, indigna, vil... Todos esses nomes soavam bem aos ouvidos do seu desejo; ela fazia derivar por eles a própria cólera; fartava-se de a rebaixar assim, de a pôr debaixo dos pés do marido, já que o não podia fazer por si mesma... Vil, indigna, miserável...”⁹.

Igualmente solteirona e morando sob a proteção de parentes, encontramos D. Úrsula (H), que contava cinquenta e poucos anos e “vivera sempre com o irmão, cuja casa dirigia desde o falecimento da cunhada”. Todavia, como ressalta Ingrid Stein, “dirigia apenas no senso administrativo”, pois quem detinha o poder de decisão, depois da morte do chefe da família, era Estácio, o filho, e o padre Melchior, capelão da casa. “Dona Úrsula é apenas informada dos acontecimentos, iniciativas e decisões sobre as quais não é chamada a opinar”; ela não detém o poder como as viúvas, que o adquiriram com o casamento e posterior falecimento do marido¹⁰.

Em situação similar a de D. Tonica (QB), que vivia com o pai e sem dote vantajoso, estava Celetina (CF), que desde os treze anos teve a idéia de casar-se entrando-lhe na cabeça “e ali se conservou (...) até os trinta e oito”. Um dia, por meio de uma carta, apareceu-lhe um pretendente, e esta pensou ser “o prêmio da demora”, aquele

⁸ Ibidem, p. 167, 366-8, 385.

⁹ Ibidem, p. 83-84.

¹⁰ Idem, *Helena*, p. 8; Ingrid STEIN, *Figuras Femininas em Machado de Assis*, p. 83.

que finalmente “se dispunha a fazê-la feliz”. À noite, quando tarde conseguiu dormir, sonhou com ele e com o casamento, até que, pela manhã, a escrava informou – lhe que a carta era para sua irmã, fazendo-a chorar a última lágrima “que o amor lhe arrancou”. A solteirona planeou em sonhos suas bodas suntuosas, nos quais a grande preocupação que a tomava tornava-se a exposição ao público daquele ato tão esperado durante quase toda sua vida. Muita gente estava a ver a realização do matrimônio; toda a vizinhança viu-a passar com o marido; muitos curiosos; gente, e mais gente, presenciava e avistava a sua felicidade de estar casando-se. Mas, por fim, era um “delírio”, e a pobre mulher continuou fadada a suportar o peso de ser solteirona, sob o olhar de toda aquela mesma gente; de ser fracassada e ter de conformar-se à vida cinzenta de solteirona, vivendo na proteção da mãe viúva e com a irmã¹¹.

Dos vários grupos de indivíduos que se encontravam à margem do casamento e levavam uma existência solitária, mesmo que vivendo com parentes, é talvez, o das solteironas aquele que mais almejassem ingressar na vida de casado. Para elas a idéia de casar-se, introjetada em suas mentes, tornou-se uma obsessão, vigília e longa espera, pois a salvação, era prêmio dos e pelos vexames, humilhações, zombarias e graças os quais sofriam.

4. Celibatários

Já para o homem celibatário, considerado como aquele que em idade avançada mantinha-se solteiro, às vezes, mesmo assim, provisoriamente, a situação era um pouco diferente. Os homens que permaneciam solteiros, mesmo que para sempre, não eram em geral desprezados como o sentiam ser as solteironas. No entanto, nos romances da primeira fase, Machado bem próximo das idéias, das doutrinas e dos discursos vários que louvavam a família como célula **mater** da sociedade, como dos moralistas e da medicina, representou-

¹¹ J.M. Machado de Assis, *Contos Fluminenses*, v. 2, p. 367, 370-3.

os de forma um tanto quando negativa, aproximando-os da figura do libertino. Porém, mesmo assim, eram considerados como bons partidos para uma moça se casar, uma vez que o casamento os redimia de tal desvio e significava sua inserção e recuperação para o mundo da normalidade e do estabelecido como modelo exemplar.

Em **Ressurreição**, por exemplo, Félix foi apresentado como um médico de “trinta e seis anos, idade em que muitos já são pais de família, e alguns, homens de Estado”, mas “Aquele era apenas um rapaz vadio e desambicioso”. Seu caráter não era “inteiriço, nem de um espírito lógico e igual a si mesmo”, tratava-se de “um complexo, incoerente e caprichoso, em que se reuniam opostos elementos, qualidades exclusivas e defeitos inconciliáveis”. Com relação a seus sentimentos, a “desconfiança” era ressaltada, provinda das decepções que encontrará na vida libertina, lugar dos vícios e perigos. Além disso, era virtualmente possuidor de “um ceticismo desdenhoso ou hipócrita”, que tinha também “raízes na mobilidade do espírito e na debilidade do coração...” Ele, enfim, “era mais que tudo fraco e volúvel”. Com relação ao casamento, seu desinteresse era latente e suas seqüelas morais impediam sua felicidade: “Félix é essencialmente infeliz”, uma vez que desprezava o casamento, instância idealizada como modelo de relacionamento sexual, tendo existência marcada por modos alternativos de vida¹².

Já, em **Iaiá Garcia**, Procópio Dias, outro celibatário, também possuía seu lado negativo. Era um homem de cinquenta anos e, para ele, a “vida física era todo o destino da espécie humana”, sendo seus credos o lucro e o gozo. Pretendeu-se casar com a virginal e quase adolescente Iaiá, pela sua “mediocridade do nascimento”, achando que esta deveria ser-lhe agradecida pela escolha, que lhe era um “favor”. No entanto, mesmo visto com tantos defeitos, vingativo, corrupto, sensual, inescrupuloso e talvez pusilânime, como Félix(R), Procópio era considerado por Jorge como “simpático”, sendo um marido que Iaiá deveria “aceitar com ambas as mãos”, pois

¹² Idem, *Ressurreição*, p. 12-3, 53, 121, 234.

“apaixonado e opulento”. Tal postura de Jorge, porém deve ser entendida como salvacionista, era uma oportunidade de adequação e acerto que estava sendo dada a um desviante¹³.

Portanto, nos romances da segunda fase, momento no qual se inserem também as principais representações acima tratadas com relação às solteironas, os celibatários receberam de Machado um tratamento bastante diferente, tornando-os positivos, normais e comuns. Brás Cubas (BC), por exemplo, com quarenta e quatro anos, ainda solteiro, estava em idade de desejar luzir, de ingressar na vida política e ser aplaudido. Seu estado civil não constituía em obstáculo grande e verdadeiro à realização de seus projetos sociais, ao contrário até, pois para um homem a “vida celibata podia ter certas vantagens próprias”, mesmo que consideradas “tênuas e compradas a troco da solidão”. Sua história não traz censuras a seu estado civil e Brás desnuda o que outros personagens escondiam¹⁴.

Já o conselheiro Aires (EJ), sexagenário, embora viúvo, “tinha o feitio do solteirão”, sendo homem “cordato” por “tédio à controvérsia” e não possuía “quase nenhum vício”. Seu desinteresse pelo casamento já não era visto como algo negativo, senão como maturidade. Em Machado, na sua primeira fase, a felicidade vinha com o casamento e quem não se casava era “infeliz”. O casamento era visto como a forma ideal, e o meio certo para se ser feliz. Assim, um jovem que “desejava ficar solteiro” era apresentado quando não como libertino, como um “misantropo”, “reservado”, “triste” e “agoniado”. Por sua vez, o casamento trazia-lhe “horizontes novos”, como a felicidade e amor; era mesmo a “felicidade pelo casamento”. Para Aires, dando um conselho, “casar é bom”, embora ele particularmente “não amasse o casamento”. Essa atitude, em outros celibatários da primeira fase machadiana, era algo impossível de acontecer e o assunto seria tratado com ironia e desprezo¹⁵.

¹³ Idem, *Iaiá Garcia*, p. 17, 179-80.

¹⁴ Idem, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, p. 337-40.

¹⁵ Idem, *Esau e Jacó*, p. 58, 150; Idem, *Contos Esparsos*, p. 225-252; Idem, *Ressurreição*, p. 53.

Se antes o celibatário nutria-se da desgraça das famílias, ansiando para que aparecesse um “escândalo” e praguejando “o reinado da virtude”, sentindo “nostalgia da imoralidade”, agora Aires era o guardião das virtudes familiares. Era visto por Natividade (EJ) como um homem “amigo”, “moderado”, “hábil”, “fino”, “cauteloso”, mesmo que tivesse alimentado certo “gosto” em relação a ela, uma mulher casada. Ainda assim esta o via positivamente e pedia-lhe ajuda com relação a problemas que atravessava com os filhos. Seu gosto por ela “não foi propriamente paixão; não era homem disso. Gostou dela, como de outras jóias e raridades, mas tão depressa viu que era aceito, trocou de conversação”. Ele era solteirão que, por sua característica principal – a de ser cordato, não vivia os conflitos da paixão e menos ainda a frieza das convenções amorosas. Aires apresentava uma percepção da sociedade desencantada de todo e qualquer romantismo que pudesse existir nas relações familiares vividas por outros personagens. Segundo ele, “só os solteiros podem avaliar as idéias das mulheres”, e logo também dos indivíduos em família, devido a seu relativo distanciamento dessa realidade¹⁶.

Ao lado desse “meio celibato” de Aires, encontramos também Nobrega (EJ), homem “maduro” que “trazia o rosto batido dos ventos da vida, a despeito das águas de toucador”, a cujo “corpo faltava apuro e as maneiras não tinham graça nem naturalidade”, mas que possuía, no entanto, situação de relevo, podendo dar a uma moça posição esplêndida, pois, além disso, valia sua moral “diziam todos”, que “era o seu principal e maior mérito”¹⁷.

Muitos são aqueles para quem o celibato era sua “alma”, sua “vocação”, seu “costume” e “ventura”. Aqueles que não tinham vocação para o casamento, sendo-lhes a solteirice o programa de toda vida, sem que inconveniente quase nenhum lhes viesse importunar, a não ser, talvez, se tivesse algumas “ambições políticas”. Na “política

¹⁶ Idem, *Ressurreição*, p. 16; Idem, *Esau e Jacó*, p. 57, 150, 152-3; Kátia MURICY, *A razão cética*, p. 80-1.

¹⁷ J.M. Machado de Assis, *Esau e Jacó*, p. 391.

o celibato é uma remora”, ou poderia sê-la, uma vez que Brás (BC) tornou-se deputado mesmo tendo uma longa história celibatária e dela não se desligando¹⁸.

5. Libertinos

Também avesso ao mundo idealizado do casamento e de suas regras, embora não raro se casasse, temos ainda a figura do libertino, que, em muitos momentos, confundia-se com o celibatário, sobretudo daquele oriundo da primeira fase machadiana. Dos celibatários-libertinos podemos citar Félix (R) e Procópio Dias (IG), mas que existem outros tantos casados. Luís Batista (R) era um libertino, embora fosse casado. Levava uma vida de “aventuras amorosas”, pois para ele a vida era “uma ópera bufa com intervalos de música séria”. Nessa perspectiva, achava que o casamento era bom, desde que se considerasse uma “condição única”, que era a de ser “um pouco livre”. Ser livre era, para ele, uma característica essencial para o casamento. “Galhofeiro e sensual”, vivia o rapaz a ter “mulheres amantes” e a satisfazer seus caprichos, enquanto, em casa, Clarinha, sua esposa, encontrava-se resignada com as atitudes do marido¹⁹.

Igualmente libertino, temos o conselheiro Vale (H) que, mesmo casado, levava uma vida “marchetada de aventuras galantes”, despendendo “o coração em amores adventícios e passageiros”. Ao lado desses podemos enumerar vários outros, como Lulu Borges (CSD), que deixava em casa a esposa “sozinha para ir-se a orgias e vícios de toda a sorte”, nas noitadas de jogo e de “mulheres impuras”²⁰.

Assim, esses libertinos casados são a fraude, o arranhão na idéia sacralizada de casamento enquanto espaço privilegiado para um regime sexual recomendado. Por fugirem do templo da sexualidade

¹⁸ Idem, *Relíquias de Casa Velha*, v. 2. p.28; Idem, *Páginas Recolhidas*, p.53; Idem, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, p. 349.

¹⁹ Idem, *Ressurreição*, p.194, 196.

²⁰ Idem, *Helena*, p. 19-23; Idem, *Contos sem data*, p. 159.

normal, o lar, e do altar das celebrações legítimas, o leito conjugal, inserem-se nas formas periféricas e desqualificadas de práticas e atitudes sexuais “degeneradas”, advindas do princípio da infidelidade.

Mas a libertinagem possui ainda outros componentes que também agitam o lar burguês, advindos dos jovens que buscam prazeres transgressivos, isto é, para além daqueles que a família pode oferecer nos seus restritos limites domésticos e outros espaços dados de sociabilidade convencional. Desta maneira, eram muitos os indivíduos, mesmo que a título provisório, que antes “de canalizar a vida”, e de chegar ao “tempo de seriedade”, trazido pela “encomendação em regra” da benção nupcial, aparecem dados aos “desperdícios elegantes”, “à vida de rédea solta” e a todas as “seduções juvenis”. Na boêmia, que, segundo Perrot, inverte as normas da vida privada burguesa, a exemplo da relação com o tempo e com os espaços – “arquipélagos dos prazeres ilegítimos” – viviam muitos rapazes desfrutando “a reputação de libertinos” em “jantares de Citera”, junto a “damas da moda” – mulheres “públicas” – nem sempre atendo ao “decoro” em lugares públicos, em “perdição completa”. Entregues “a uma vida libertina”, traziam tensões e conflitos para o lar, assim como “a dor e a vergonha” à família que, por sua vez, enquanto espaço moral, dominado pelo pai, os chamava à “razão”. Mas, quando já considerado, como estando em “adiantado na carreira da libertinagem”, as dificuldades para dar-lhes cobro, encerrar-lhes tal procedimento e combater essa sociabilidade juvenil nem sempre foram fáceis de conseguir. Custou-lhes não raro uma viagem para fora da cidade, talvez alguma província ou mesmo para a Europa, se abastado²¹.

6. Mundanas

Por outro lado, encontramos também a figura da mundana,

²¹ Idem, *Iaiá Garcia*, p. 106; Idem, *Histórias Românticas*, p. 162, 165, 260, 310; Michelle PERROT, *À Margem: solteiros e solitários*, p. 295; Alain CORBIM, *A relação íntima ou os prazeres da troca*, p. 534.

que eram mulheres que mantinham relações amorosas e sexuais tirando delas proveito financeiro, seja em forma de presentes, dinheiro e casa montada. Eram mulheres que viviam à margem do casamento e da sociedade, sendo geralmente representadas nas obras da primeira fase machadiana, como astuciosas e infiéis. Mas, na realidade, por trás dessa denominação um tanto ampla, abrigam-se figuras diferenciadas, de certa maneira, como as amantes mantidas, atrizes e outras mulheres públicas, “de partido”, que também se prostituíam.

Em **Ressurreição**, Cecília era amante mantida de Félix, assim como Menezes também possuía a sua. Cecília foi descrita como “uma rapariga sossegada, carinhosa”, não sendo “positivamente uma alma perdida”, mas “uma moça de bons sentimentos”, que conservava “certa dignidade no vício”, tendo “uma alma nobre, elevada...”. Segundo o narrador, a moça “não era hipócrita quando dizia gostar de um homem; qualquer que fosse a natureza que fosse a natureza dos seus afetos, ela os sentia sinceramente; (...) mas se ela era amante para querer a um só homem, era independente para o esquecer depressa. Tinha a fidelidade filha do costume (...)”. Mesmo assim um juramento desta “não deveria valer muito aos olhos de um homem que conhecesse bem todos os recursos de uma mulher naquelas condições”. Quando Félix, para quem “os amores são todos semestrais”, a deixou, Moreirinha seu amigo fora por ela conquistado, passando a ser o “altar em que (...) fazia os seus sacrifícios diários e pecuniários”. Menezes ainda possuía uma amante, com a qual “vivia (...) maritalmente”, era “uma pérola que pouco antes encontrara no lodo”. Porém, não tardou para que este descobrisse “em casa vestígios de outro amador de pedras finais”, deixando-o certo da “infidelidade da amante”. Se infiel era “a pérola”, não menos perigosa tornou-se Cecília levando seu amante à ruína. Moreirinha “de abatimento em abatimento” chegara a uma posição “miserável”, não sendo preciso, segundo o autor, “grande perspicácia para compreender que aquilo tudo era obra de Cecília. (...) Moreirinha estava eternamente

condenado ao capricho daquela mulher”²².

Desta maneira, assim como os libertinos casados são representados nos romances primeiros de Machado com forte carga negativa, delimitada pelo discursos moralistas ordenadores de comportamentos, também o são as amantes. São elas o vício, o atrativo sedutor e perigoso, que trazem infortúnios aos lares, famílias e esposas, consumindo fortunas, paz doméstica e, mesmo assim, sendo infiéis.

Em **Helena**, Ângela da Soledade, vivia com o conselheiro Vale, como sua amante. Ele a instalara em uma casa elegante em São Cristóvão. A moça havia fugido de casa com o pai de Helena, porque a família dele se opunha ao casamento. Quando este viajou para rever o pai que estava por morrer, Ângela deixou-se guiar por “uma paixão nova e delirante”. Machado, no entanto, não condenou seu comportamento expressamente, vendo-a como mais uma vítima da fatalidade. Já Salvador, o pai de Helena, classificava a companheira como “um complexo de qualidades singulares”, sendo ele mesmo responsável por tê-la desviado da “estrada real para metê-la por um atalho obscuro”. Ela era “Capaz de suportar as maiores angústias, forte e risonha no meio das máximas privações”, não sendo “a riqueza que a seduziu”; teria ido “ainda que tivesse de trocar a riqueza pela miséria”. Segundo Salvador, “Ângela nasceu metade freira e metade bailarina; capaz das austeridades de um claustro, não era menos das pompas da cena”²³.

Mulheres como Ângela foram várias, que, por terem entrado em um atalho, não raro fugindo de casa, eram abandonadas e tornavam-se amantes teúdas e manteúdas, como aquelas que pediam pelo jornal a proteção de um senhor. Mas se estas recebiam de Machado alguma simpatia, o que prevaleceu na sua representação nos escritos de sua primeira fase foi a visão de serem desagregadoras da sociedade, que traziam à família dores e problemas. Porém, já nos escritos ditos da segunda fase, a mundana aparece como observadora

²² J.M. MACHADO DE ASSIS, *Ressurreição*, p. 26, 28, 47-9, 145.

²³ Idem, *Helena*, p. 272-3.

do social, detendo um conhecimento empírico sobre a realidade. Carmem (EJ), por exemplo, era uma “atriz da moda, pessoa chistosa e garrida”, com a qual Aires mantivera um encontro amoroso em Caracas. Esta o dissuadiu de ir procurar saber as razões de um tumulto de rua, dizendo, entre “duas carícias”, que se caiu um governo, ou se subiu, não era motivo para susto, pois no dia seguinte, era ainda “tempo de ir cumprimentá-lo”. Ela, através desse comentário, colocava um tema fundamental da reflexão machadiana na sua fase segunda, que é a prevalência das razões individuais sobre as razões da história e da sociedade. Carmem não foi apresentada com nenhuma característica negativa, ao contrário, “ela enriquece com sua observação a experiência política e existencial do conselheiro”, no dizer de K. Muricy²⁴.

Desde **Memórias Póstumas...**, Marcela, amante de Brás na mocidade, que se tratava de uma prostituta de luxo; “luxuosa, impaciente, amiga de dinheiro e de rapazes”, recebeu tratamento similar. Era uma cortesã que veio iniciá-lo e ensinar-lhe a significação das relações humanas. Ela, que fora a “primeira comoção [de sua] juventude”, conhecida em “uma ceia de moças, nos Cajueiros”, onde “havia mais uma meia dúzia de mulheres – todas de partido –”, mostrou-lhe que o mesmo fazia parte do seu “universo”, mas, “não o era de graça”. Foi-lhe, segundo ele, “preciso coligir dinheiro, multiplicá-lo, inventá-lo”. Brás aprendeu com tal “paixão ou ligação” o nexó existente entre amor e dinheiro. Marcela fez-lhe sentir a mediação pecuniária nos relacionamentos amorosos e humanos em geral, trocando as “aparências” de afetos por “sêdas”, “jóias” e “dobras de ouro”. Brás dizia: “Bons joalheiros, que seria do amor se não fosse os vossos dices e fiados? Um terço ou um quinto do universal comércio dos corações”. E ainda, insistindo na idéia de que amor e interesse não se excluíam, dizia: “O que eu quero dizer é que a mais bela testa do mundo não fica menos bela, se a cingir um diadema de pedras finas; nem menos bela, nem menos amada. Marcela, por exemplo

²⁴ J.M. MACHADO DE ASSIS, *Ressurreição*, p. 26, 28, 47-9, 145.

[diz ele], que era bem bonita, (...) amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos”. Amou-lhe até que seu pai se sobressaltasse com a desapareição dos onze contos, pegando-o e enviando-o à Europa para estudar, pois queria-o “homem sério e não (...) arruador e gatuno”, visto que aquele “caso excedia as raías de um capricho juvenil”²⁵.

Centros de “sociedades equívocas”, pois periféricas, no “mundo dos amores comprados e fúteis prazeres”, por onde passava os “mais tresloucados da terra fluminense”, que viviam no “vício” e na desrazão, essas “damas da moda”, chamavam “a atenção de todos”, como “recurso de ofício”. Agindo assim podemos referir a Candinha (HR) vista a entrar num espetáculo “no meio do ato” ou a desfilar na rua do Ouvidor em uma “vitória puxada por um cavalo castanho e governada por cocheiro ainda rapaz, *bianco vestito*. Dentro do carro vinha “molemente recostada”, trazendo “as lágrimas dos pecadores (...) cristalizadas (...) nas orelhas, no colo e nos dedos” – “umas fulgentíssimas pedras”. Assim, “mui galante e concertada”, olhava “preguiçosamente para as pessoas que passavam à esquerda do carro, mas sem mover a cabeça, e com um ar tão friamente aristocrático, que justificava bem a arrogância do cocheiro e a curiosidade dos passantes.” Quando via homens conhecidos, sorria, inclinava levemente a cabeça e com um gesto respondia “um sinal convencional” vindo de algum deles, possivelmente marcando um encontro²⁶.

Mas nem todas as mulheres públicas eram como tais “damas da moda”. Dom Casmurro (DC), ao nos falar de suas “amigas” que o consolavam na vida “solitária”, depois de afastar de Capitu, conta que “uma só dessas visitas tinha carro à porta e cocheiro de libré. As outras iam modestamente, *calcante pede*, e, se chovia”, era ele “que ia buscar um carro de praça, e as metia dentro...”²⁷.

²⁵ J.M.MACHADO DE ASSIS, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, p. 64-5, 67-8, 73-4.

²⁶ Idem, *Histórias Românticas*, p. 133-4, 151-3, 193.

²⁷ Idem, *Dom Casmurro*, p. 439.

Representadas como viciosas e degeneradas ou como pedagógicas tais mulheres localizam-se na beirada da ordem social, pois o centro estava reservado a outras personagens, com papéis maiores, embora não a priori mais vibrantes e fortes. Personagens que seguiam de perto os script estabelecido, adequando sua atuação as frágeis normas propostas. Mesmo que sua existência não fosse algo inesperado e imprevisto sua atuação é secundária, seu papel é uma “ponta”, às vezes mais emocionante que de muitos outros adocicados e grandes textos. Talvez por isso mesmo desqualificado por alguns atores e atrizes considerados principais que tinham a cena roubada pela figurante que improvisava e abandonava o texto original.

De maneira geral todos esses personagens, apresentados de forma negativa ou não, eram ao certo figuras que se apresentavam à margem do mundo oficial do casamento, principalmente se mulheres. Sejam elas solteironas, concubinas e mudanas eram figuras que fugiram ao demarcado como ideal, que não ingressaram no mundo a elas reservado do matrimônio formal, aquele que lhes daria status e reconhecimento social. Mesmo alguns daqueles que se encontravam envolvidos de alguma forma nas teias do casamento, como certos libertinos, estavam localizados na periferia desse universo, sendo vistos com muita ressalva por suas atitudes de ruptura por aqueles de conduta mais adequada às normas – “normal” – e aceitável.

Através do discurso e da linguagem literária, podemos perceber elementos constituintes da linguagem que cerca e refere a muitos dos excluídos do mundo estabelecido publicamente como ideal. Daqueles que, por afastarem-se das expectativas sócio-culturais neles depositadas, são estigmatizados e marcados pelo peso e poder das palavras que criam o “medo da opinião”. Opinião pública, que, para Machado, funciona como um grande “tribunal anônimo e invisível, em que cada membro acusa e julga”. Opinião que poderia arrastar a vida de qualquer um “por todas as ruas, que abriria minucioso inquérito acerca do caso, que coligiria uma a uma todas as circunstâncias, antecedências, induções, provas, que as relataria na palestra das chácaras desocupadas, essa terrível opinião, tão curiosa das alcovas...”

e que se mostrava, por tudo isso, ser “uma boa solda das instituições domésticas”, obstando à dispersão de muitas famílias. Como nos alerta E. Goffman, “O normal e o estigmatizado não são pessoas, mas perspectivas”²⁸.

BIBLIOGRAFIA

- CORBIM, Alain. “A Relação Íntima ou Os Prazeres da Troca”. In: PERROT, M. (org) *História da vida privada*, v.4. São Paulo, Cia. das Letras, 1991.p. 503-561.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- _____. *A representação do Eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 1985.
- MACHADO DE ASSIS, J.M. *Obras Completas*. São Paulo, W.M. Jackson, 1955. 31 vls.
- _____. *Contos Esparsos*. Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1956.
- MURICY, Kátia. *A Razão Cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo, Companhia da Letras, 1988.
- PERROT, Michelle. “Introdução de “Os Atores””: In: PERROT, M. (Org.) *História da vida privada*. V. 4. São Paulo, Companhia das Letras, 1991, p.91.
- _____. “A Família Triunfante”.p.93-103.
- _____. “Funções da Família”. p.105-119.
- _____. “À Margem: solteiros e solitários”. p.287-303.
- STEIN, Ingrid. *Figuras Femininas em Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

²⁸ Idem, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, p. 321-2.